

AUTORRETRATOS: IDENTIDADES NA CRIAÇÃO DA PRÓPRIA IMAGEM

Cleandro Stevão Tombini¹

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir a questão da identidade na criação da própria imagem através do autorretrato, a partir do texto *Autocriação digital no ciberespaço: o novo autorretrato digital*, de Matt Ferranto (2011). Apresenta brevemente algumas questões do autorretrato na pintura clássica e na rede *web*, sua ocorrência na contemporaneidade a partir do trabalho da artista Cindy Sherman. E, por fim, como esse tema possibilita às identidades emergirem (ou esconderem-se) na rede *Internet*. Apresenta comparações entre autorretratos de artistas selecionados aleatoriamente de vários períodos da história da arte e alguns autorretratos produzidos por mim (pinturas e fotografias).

Palavras-chave

Autorretrato; Identidade; ciberespaço; pintura; fotografia.

Abstract

This paper aims to discuss the issue of identity in the creation of the image itself through the self-portrait, from the text *Digital self-creation in cyberspace: the new digital self-portrait*, Matt Ferranto (2011). Briefly presents some issues of the self-portrait in classical painting and web network, its occurrence in contemporary from the work of artist Cindy Sherman. And, finally, how this theme enables the identities emerge (or hide) on the internet. Presents comparisons between randomly selected self-portraits from various periods of art history and some self-portraits produced by me (paintings and photographs).

¹ Bacharel em Artes Plásticas/UFRGS (2004), Especialista em Pedagogia da Arte/UFRGS (2010) e Mestrando em Artes Visuais/UFSM (2012/13). Desenvolve pesquisa com bolsa da Capes na área de Arte Contemporânea abordando a construção do campo pictórico, sob orientação do Dr. Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/UFSM). Atua como ilustrador em Porto Alegre e como professor de Pintura e História da Arte Contemporânea na UNESC, em Criciúma, SC. E-mail: artistavisual@bol.com

Keywords

Self-portrait; Identity; cyberspace; painting; photography.

INTRODUÇÃO

Este artigo² pretende destacar um aspecto do texto *Autocriação digital no ciberespaço: o novo autorretrato digital*, de Matt Ferranto³, qual seja, “a identidade na criação da própria imagem” a partir do autorretrato.

De acordo com Jean Robertson e Craig McDaniel (2009, p. 40-41), a exploração do tema da identidade na arte a partir do gênero do autorretrato (e também do retrato) tem longa tradição no ocidente, tendo Rembrandt, Pablo Picasso e Frida Kahlo como exemplo de alguns dos artistas que empregaram grande energia nessa produção. Os autores citam ainda, os dramáticos autorretratos de Vincent van Gogh e dos artistas do pós-guerra (como as séries produzidas por Andy Warhol e os autorretratos com contorções expressivas de Francis Bacon), além de contemporâneos como Chuck Close, Susana Coffey, Alex Katz e Lucian Freud que continuam a criar, cada um ao seu estilo, imagens e objetos ancorados nas tradições do autorretrato.

McDaniel e Robertson (2009, p. 41) mencionam também, que as dimensões fundamentais da identidade humana influenciaram a imaginação e a criatividade de artistas na Grécia antiga, na África sub-saariana do século XVIII, e na China, durante a dinastia Tang, para evidenciar uma profunda conexão entre arte e identidade humana ao longo da história da arte.

Contudo, os autores comentam que as formas com que os indivíduos compreendem a si próprios ou concebem a sua identidade mudam constantemente, e que nos últimos vinte e cinco anos, tais mudanças ocorreram (não de forma igual) em muitas sociedades, reformulando os conceitos de identidade a partir de muitos eventos e forças entrelaçadas como: o desmantelamento da União Soviética e do *apartheid*, a globalização econômica e a influência das teorias feministas, pós-

² Texto coordenado pela Dr^a Daniela Pinheiro Machado Kern, professora no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFGRS.

³ Matt Ferranto é “ professor de Arte no *Westchester Community College* em Nova York, diretor da *Westchester Community College Fine Arts Gallery* e editor-chefe de *Design and Culture*” (FERRANTO, 2011, p. 75).

moderna e pós-colonial no campo intelectual e cultural. Assim, tais alterações inevitavelmente influenciam artistas, pois uma nova visão de consciência internacional “[...] produz novos entendimentos sobre o que significa ser humano; esses entendimentos, por sua vez, estão incorporados em representações artísticas da identidade humana [...]” (MCDANIEL; ROBERTSON, 2009, p. 41).

Entre as forças e eventos que reformularam os conceitos de identidade, McDaniel e Robertson mencionam também a rápida mudança tecnológica. Tal ponto toca diretamente a criação do autorretrato na atualidade com o advento do computador, como destaca o artigo de Matt Ferranto: *Autocriação digital no ciberespaço: o novo autorretrato digital*.

Assim, a partir do texto de Ferranto, este artigo tem por objetivo discutir a questão da identidade na contemporaneidade, analisar a criação da própria imagem por meio de autorretratos de alguns artistas em comparação com os produzidos por mim em diferentes épocas.

No primeiro tópico, foram verificadas, segundo as ideias de Ferranto (2011), as funções do autorretrato na pintura clássica comparadas às funções encontradas na rede *web*, estabelecendo relações com meus autorretratos em pinturas e fotografias (manipuladas digitalmente).

Em seguida, no segundo tópico, vai ser abordada a questão da identidade em autores como Michel Archer, Eleanor Heartney e Belidson Dias, a partir da análise de Ferranto (2001) acerca da ocorrência da autocriação contemporânea nos autorretratos (fotográficos) de Cindy Sherman, em comparação com meus autorretratos realizados em fotografia.

Por fim, no último tópico, a identidade nos retratos da rede *web*, este estudo vai ser concluído ao discutir como a *Internet* possibilita às identidades emergirem ou esconderem-se, de acordo com Ferranto (2011), estabelecendo comparações com as personas presentes em meus autorretratos.

O AUTORRETRATO NA PINTURA E NA WEB

No que concerne à criação da própria imagem, Greenblatt⁴ (*apud* Matt FERRANTO, 2011, p. 70) comenta que o autorretrato teria funcionado como um

⁴ GREENBLATT, Stephen. **Renaissance self-fashioning**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

instrumento de promoção para artistas que tentavam elevar seu papel social. Rafael, que pinta a si mesmo como herói clássico na obra *Disputa*, e Diego Velázquez, que se autorretrata como cavaleiro imperial no famoso quadro *As meninas*, seriam exemplos dessa tentativa de passagem, qual seja, de habilidosos artesãos para poetas visuais.

Tal ideia está presente em um autorretrato a óleo, denominado *Eu e a janela paranoica* (fig. 1), que pintei em 1999 (antes mesmo de iniciar meus estudos no curso de Artes Plásticas da UFRGS - 2001/04). Nessa pintura a criação da minha própria imagem (que tem muita semelhança com os autorretratos de Portinari e com tantos outros pintores que se autorretrataram ao lado de seus pincéis) também tem um caráter promocional, justamente por produzir uma “aura” de artista genial, ideia que vigorou durante o modernismo.



Figura 1 – TOMBINI, Cleandro. *Eu e a janela paranoica* (autorretrato), 2000. Óleo sobre tela, 39 x 53,5 cm.

Ferranto (2011, p. 71) menciona também o autorretrato de Van Gogh, em que o artista “[...] pintou a si mesmo contra um fundo de xilogravuras japonesas, sugerindo suas fontes artísticas e inspiração e fazendo uma complexa afirmação sobre si mesmo e sobre o seu lugar no meio artístico da França do final do século XIX.”

Análogo ao que ocorre nesse autorretrato de Vincent van Gogh, a sugestão de fontes artísticas pode ser verificada principalmente em outro de meus autorretratos: *O império crepuscular das ilusões*, de 2000 (fig. 2). Nessa pintura, também executada a óleo sobre tela, pode-se perceber a grande influência da obra do pintor Salvador Dalí, presente tanto na imitação (pastiche) de seu estilo (surrealista) utilizado para criar a minha imagem, quanto no próprio título do quadro.

Contudo, com o autorretrato que é visto hoje na rede *web*, surge a possibilidade de “[...] aumentar as oportunidades para a autocriação” (FERRANTO, 2011, p. 70).

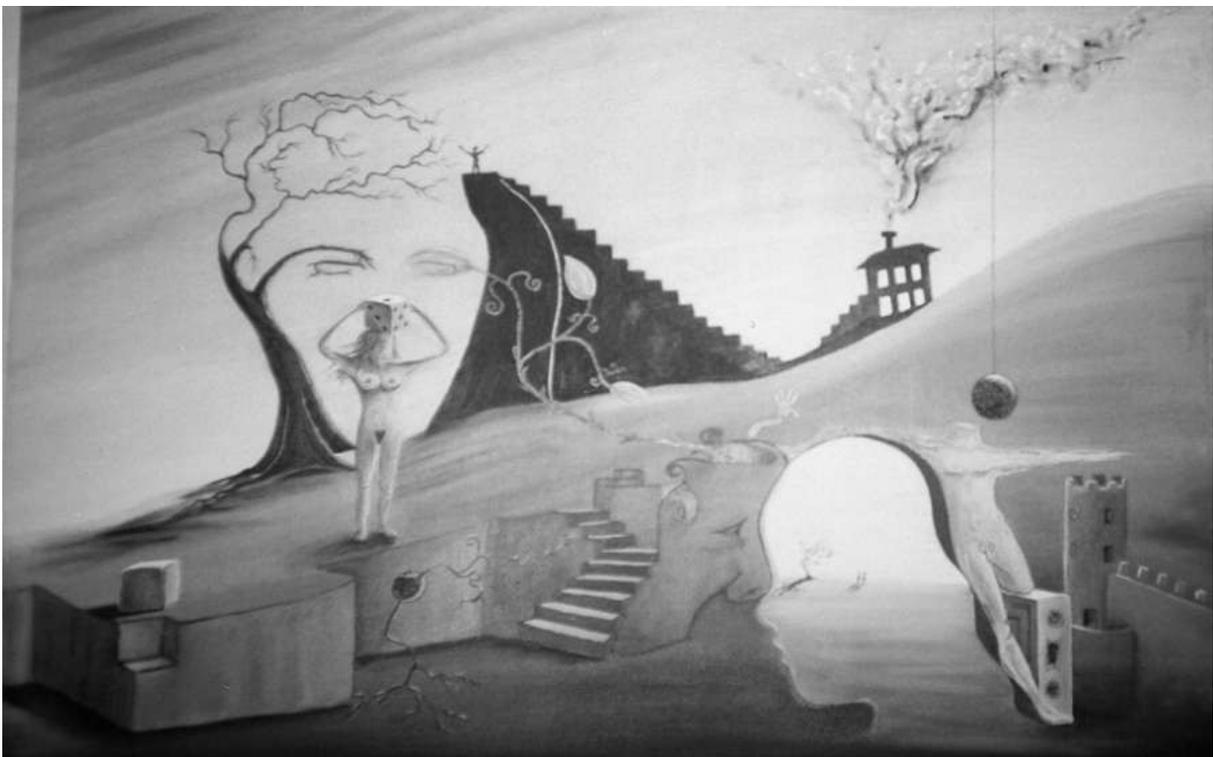


Figura 2 – TOMBINI, Cleandro. *A ansiedade no império crepuscular das ilusões* (autorretrato), 2000. Óleo sobre tela, 52 x 80 cm.

Segundo Ferranto, a rede *web* possibilita à amadores criar personas e por meio de poucos intermediários ou censores apresentar informações aos outros.

o *self visual* tal como apresentado na *web* é conscientemente construído e manipulado. O amadorismo é inerente, dada a relativamente ampla disponibilidade do *software* de computador que replica processos e efeitos do estúdio fotográfico. Típicos autorretratos do *Myspace* usam alto contraste em preto e branco ou esquema de cores invertidas (FERRANTO, 2011, p. 70, grifo do autor).

Tal como ocorre em um autorretrato que, em 2005, publiquei no *site* de relacionamentos do *Orkut*, em que apliquei um esquema comum esquema de cores invertidas em um dos meus autorretratos fotográficos (fig. 3).

Outra forma comum de trabalhar os retratos naquela época era importar fotografias para o *software Paint*, para manipulá-las com efeitos, utilizando ferramentas de recorte e de cor, como no autorretrato (fig. 4), também publicado no site de relacionamentos *Orkut*, em 2006.



Figura 3 – TOMBINI, Cleandro.
Autorretrato no perfil do *Orkut*, 2005.
Inversão de cores no *software Paint*.



Figura 4 – TOMBINI, Cleandro.
Autorretrato no perfil do *Orkut*, 2006.
Criação no *software Paint*.

Essa customização das páginas de redes sociais, com aparência nada refinada estaria, segundo Garret (*apud* FERRANTO, 2011, p. 70), mandando um recado para os usuários: de que todos parecem iguais nesse ambiente, de que ninguém vai ser um *designer* profissional.

Diante de tais ideias, cabe mencionar, que, para Ferranto (2011), mesmo que um artista como Parmigianino pudesse alterar seu autorretrato (em 1524 se autorretratou como um artista bem-sucedido), os meios tradicionais da pintura permaneceriam estáticos se comparados à mutabilidade do digital “[...] sempre cambiante impermanência, que melhor ecoa as ideias da instabilidade pós-moderna. Sempre mudando, o *self* digital é compreendido como um conglomerado de múltiplas identidades” (FERRANTO, 2011, p. 73, grifo do autor).

A QUESTÃO DA IDENTIDADE EM AUTORRETRATOS FOTOGRÁFICOS

Como exemplo de autocriação na contemporaneidade, Ferranto(2011) cita os autorretratos fotográficos de Cindy Sherman, já que a artista muda de identidade a cada autorretrato, e ao passar “[...] da funcionária da loja à *ingénue* e à *femme fatale*, nós não mais abordamos o *self* como uma essência única, indivisível” (FERRANTO, 2011, p. 72, grifo do autor).

Para confirmar tal ideia, Ferranto (2011, p. 72) cita Jacques Lacan, que desconfia do *self* como algo inviolável, caracterizando-o, por outro lado, pela instabilidade e pela fragmentação.

Contudo, para Archer, ao adotar personagens (masculinos ou femininos) tirados de obras (pinturas) de antigos mestres, Sherman não desejava “[...] tanto se transformar nesses personagens, mas apagar sua própria personalidade, tornando-se neutra, de uma forma que lembrava Warhol” (2001, p. 194).

Por outro lado, Heartney (ao analisar a série de autorretratos de Cindy Sherman baseados na mídia) acredita que a artista “[...] fez isso como uma forma de brincadeira, adotando a capacidade humana da fantasia sem associá-la com a negação da individualidade” (2002, p. 59).

A mesma autora observa que todas as interpretações sobre a obra de Sherman tinham uma tendência a vê-la como uma polemista implacável, mas esqueciam de mencionar o prazer que a artista sentiu ao fazer tais imagens (HEARTNEY, 2002).⁵

Compactuo com tal comentário de Heartney acerca do trabalho artístico de Sherman, perfeito para indicar uma série de fotografias que realizei entre 1995 e 2003. Trata-se da criação da minha própria imagem por meio de cinco autorretratos⁶, os quais foram feitos, entre outras coisas, com bastante prazer.

Mesmo sendo posteriores às fotos produzidas por Cindy Sherman, esses autorretratos não foram influenciados pela obra da artista. Diga-se de passagem, eu ainda nem conhecia Sherman.

⁵ “Isso se tornou ainda mais claro em sua obra subsequente, quando explorou as personas construídas na pornografia, nos contos de fadas, na história da arte e na moda” (HEARTNEY, 2002, p. 59).

⁶ Dessa forma, utilizei uma fotografia “construída” ou “encenada” “[...] porque os elementos produzidos e até o ângulo preciso da câmera são montados antecipadamente e reunidos para expressar uma ideia já elaborada para criar a imagem.” (COTTON, 2010, p. 8).

Em síntese, a artista construiu personas baseadas na mídia, na pornografia, nos contos de fada, na moda e na história da arte. Meus autorretratos têm como informação principalmente personagens fictícios baseados em filmes: *O prisioneiro* (1995), *O vampiro* (1996) e *O mago* (2003), ou constituem-se de personas artísticas: *O guitarrista* (1998) e *O pintor* (2003).

Vou descrevê-los para depois concluir meu pensamento.

Assim, *O prisioneiro*, de 1995 (fig. 5), diz respeito a um autorretrato feito em Santa Maria (RS), na Estação Ferroviária, já há muito tempo desativada. A foto surgiu de um impulso ao ver o vagão ali vazio e uma porta aberta. As grades foram o disparador da ideia de um prisioneiro sendo levado, transferido para uma prisão, tal como acontecia antigamente, e como costumamos ver em filmes.



Figura 5 – TOMBINI, Cleandro. *O prisioneiro* (autorretrato), 1995.
Fotografia analógica digitalizada.

O *vampiro*, de 1996 (fig. 6), também é um autorretrato feito em Santa Maria (RS), durante uma aula de Topografia, quando na ocasião, cursava graduação em Engenharia Florestal no Campus da UFSM. Assim, uma dentadura de sorvete seco (que ganhei de um colega alguns dias antes), combinada com um a “balisa” (usada em medições topográficas), somada a touca (que eu usava naquele momento devido ao frio), e a forma interessante do arbusto ali ao meu lado (uma *Calliandra*), suscitaram a ideia da foto. Contudo, o que mais chama a atenção talvez não seja a “construção”, o caráter mais “pensado” dessa fotografia, mas a incorporação do acaso, pois a linha vertical, lembrando fogo, que aparece no lado esquerdo da foto, de onde “pareço sair”, é resultante de um defeito na revelação, visto que se trata de uma fotografia analógica.



**Figura 6 – TOMBINI, Cleandro. *O vampiro* (autorretrato), 1996.
Fotografia analógica digitalizada.**

O guitarrista, de 1998 (fig. 7), é um autorretrato manipulado no *software Paint*, a partir de um detalhe de uma fotografia de uma das apresentações da banda psicodélica *Floricultura*⁷, também em Santa Maria (RS).

Em 2003, morei por um mês em Macapá, capital do Amapá. Lá criei o autorretrato *O mago* (fig. 8). A atmosfera sombria, a barba crescida, e a minha gata chamada “morcega” inspiraram essa foto, que traduz, pelo registro da expressão, um momento de introspecção. “Em geral, a visão do artista sobre si próprio é sombria, angustiada e até mesmo cruel [...]” (<http://www.itaucultural.org.br>, 2005, s. p.).



Figura 7 – TOMBINI, Cleandro.
O guitarrista (autorretrato), 1998.
Fotografia manipulada no *software Paint*.



Figura 8 – TOMBINI, Cleandro.
O mago (autorretrato), 2003.
Fotografia analógica digitalizada.

Em 2003, uma vez morando em Porto Alegre, produzi um autorretrato que talvez transpareça um lado bem forte da minha personalidade, *O pintor* (fig. 9), pois essa imagem faz referência a minha formação acadêmica (Artes Plásticas com ênfase em Pintura), a qual cursava nessa época, no Instituto de Artes da UFRGS.

⁷ Tratava-se mais de uma *performance* que de música propriamente dita, tamanho o improviso empregado nas apresentações. Ver *homepage* da banda *Floricultura* na rede social *Myspace*.

Assim, com essa breve descrição acerca de meus autorretratos fotográficos, pode-se perceber como foram realizados, de forma bem fantasiosa e, principalmente, sob muita diversão, aproximando-os da ideia de Heartney (2002) sobre o trabalho de Cindy Sherman.

Diante de tais questões, deve-se mencionar a identidade, posta em foco pelo feminismo em meados dos anos de 1970, insistindo no direito da mulher agir como mulher, e não como um sujeito neutro ou substituto do macho, conforme menciona Archer (2001, p. 133). Essa condição ressurgiu com força nos anos de 1990, por meio da teoria *queer*. Apesar de ser chamada de teoria, na verdade, um corpo teórico abstrato, complexo e distinto, “[...] que se esforça em desafiar e em minar qualquer tentativa de conferir à identidade aspectos de normalidade, singularidade e estabilidade” (DIAS, 2005, p. 279).



**Figura 9 – TOMBINI, Cleandro. *O pintor (autorretrato)*, 2003.
Fotografia analógica digitalizada.**

Igualmente, atualmente, a questão da identidade vai ser também um tema bastante recorrente em dissertações de Mestrado.

Em 2010, Karine Gomes Perez defendeu sua pesquisa no Mestrado em Artes Visuais da UFSM problematizando questões relacionadas à identidade do sujeito contemporâneo, partindo de fotografias de documentos, que segundo a

autora, contêm um eu padronizado, para produzir autorretratos, ou melhor, múltiplos eus encenados (criações ou ficções).

Outra dissertação de Mestrado, do mesmo Programa de Pós-graduação e Universidade, que também aborda a questão da identidade é de autoria de Denis Siminovich. O recorte de sua pesquisa que nos interessa encontra-se principalmente no segundo capítulo, e diz respeito a uma análise e reflexão que Denis realiza sobre o processo de fragmentação, montagem e desmontagem das identidades de autorretratos de uma série que ele denomina de não-Eu-sim.

Siminovich fotografa, trata, recorta, cola e re-monta seus autorretratos no computador (*Software Photoshop*). Segundo o mesmo pesquisador, as identidades das imagens são alteradas nas digitalizações; “[...] apesar disso, nos encontros digitais são contaminadas por aproximações, fusões ou sobreposições que estabelecem outros sentidos de identidade, outras reflexões” (SIMINOVICH, 2009, p. 15).

Contudo, vai ser na rede *web* que as identidades serão alteradas em um ritmo muito mais frenético, como veremos a seguir.

A IDENTIDADE NOS AUTORRETRATOS DA WEB

Segundo Ferranto (2011, p. 72), na rede *web*, principalmente pela possibilidade de tomar autorretratos rapidamente pelo celular ou câmeras digitais, e pela facilidade de carregar, copiar e descartar, os usuários mudam sua autoapresentação de forma muito flexível.

De acordo com Alex Williams ⁸ (*apud* FERRANTO, 2011, p. 72), alguns usuários mudam tão rápido os autorretratos da *homepage* como mudam a vestimenta; “[...] extravagantes e inteiramente descartáveis, eles adicionam novas imagens para mostrar uma mudança no corte de cabelo, roupas recém-compradas, ou nova maquiagem.”

Mas além da rápida troca de personalidade, o meio (*web*) também deixa espaços para múltiplas personalidades. É o que sugere Ferranto (2011, p. 73) quando traz o exemplo de Stevie Ryan, uma moça de 18 anos, que possui várias páginas na *web* onde se apresenta com outras identidades, como Jamie Lynn

⁸ WILLIAMS, Alex. **Here I am taking my own picture**. The New York Times, february 19, 2006, section 9.

(paródia da *pop star* Britney Spears), uma estudante francesa de intercâmbio que flerta com a câmera, e sua persona mais conhecida (pela postagem de inúmeros vídeos), uma Chicana loca, Little Loca, meio mexicana meio americana, misturando aspectos desse *self* ficcional com o seu *self* real.

Se o esquema vai ser flertar com a câmera, então Oakley, vai ser um exemplo de destaque conforme Ferranto (2011, p. 73). Oakley, um octogenário, que também postou vários vídeos na *internet* se apresentando como um amante de motocicletas e pintura, que vivia em uma cidade afastada (informação para despistar repórteres).

A partir desses exemplos, o ciberespaço conforme descrito por Ferranto (2011, p.73) como um espaço desenvolvido para proporcionar “[. ..] a troca de ideias e opiniões, mas também proporciona novas oportunidades de auto-expressão, auto-promoção, e auto-definição. Identidades emergem, enquanto outras são escondidas.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto, de forma análoga ao que ocorre em redes de relacionamentos da *web*, identidades também emergem (e outras se escondem) em meus autorretratos.

Assim, ao final desse texto, compreendo melhor as palavras de Ferranto (2011, p. 72), quando da análise dos autorretratos fotográficos de Cindy Sherman, comentou que “[...] nós não mais abordamos o *self* como uma essência única, indivisível”. Assim, ao analisar de perto alguns de meus autorretratos, pude perceber a existência de várias personalidades, construídas em cada pintura e fotografia (manipuladas digitalmente ou não).

Desse modo, se partirmos do pressuposto de que somos compostos por vários fragmentos de pequenas vivências, penso que nossa identidade também é compósita e fragmentária.

Contudo, deve-se mencionar ainda, que o afloramento desses vários fragmentos de identidades só foi possível devido um afrouxamento do meu inconsciente, favorecido pelo jogo lúdico, pela diversão ao criar minha própria imagem.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Michel. **Arte Contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Auto-Retrato. Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. São Paulo: Itaú Cultural: 2005. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, Belidson. Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria *queer*. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 277-291.

FERRANTO, Matt. Autocriação digital no ciberespaço: o novo autorretrato digital. **Revista Porto Arte**: Porto Alegre, v. 18, n. 30, p. 64-75, mai. 2011.

HEARTNEY, Eleanor. **Pós-modernismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MCDANIEL, Craig; ROBERTSON, Jean. **Themes of Contemporary Art: Visual Art after 1980**. Oxford University Press, 2009.

PEREZ, Karine Gomes. **(Re) Configurações do eu: a produção de autorretratos fotográficos como ficção/encenação**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010, 122 f.

SIMINOVICH, Denis. **Identidades híbridas: processos de subjetivação através da fragmentação e (des) montagem digital**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009, 144 f.